

A QUINTA DA PEDRA TABOLEIRA

Esta é uma história de amor pela Terra, do que o Homem é capaz quando sente o apelo da Terra depois de anos a fio mergulhado no “stress” da grande cidade.

É uma casa sem história que o meu Pai e a Dra. Maria Alcide Marques compraram, juntamente com um punhado de terra com uma vinha, na região do Dão, perto de Nelas.

A casa já existia, embora inacabada e tinha sido erguida mais ou menos recentemente, pelo anterior proprietário, sem qualquer espécie de regra estética e, mesmo no que diz respeito a aspectos práticos e construtivos, com total ausência de lógica e bom senso.

O meu Pai, médico e professor de medicina em Coimbra, com uma vida carregada de dedicação à sua profissão, sentiu, ou pelo menos essa necessidade – ou apelo – foi sendo cada vez mais forte, a falta de um contraponto de paz e sossego à violência da profissão de médico, do confronto diário com o mais drasticamente real da condição humana, no meio da luta entre a vida e a morte.

Este contraponto constituía-se cada vez mais como algo que se relacionasse com a Terra, com a Natureza, com os prazeres da vida do campo. Bem sabemos que não são só prazeres mas, para quem vive situações de grande “stress” na cidade, este apelo é tão forte que, por vezes, se torna irresistível.

A maioria de nós procura compensar com uns fins-de-semana ou férias mais tranquilas, em pousadas, casas de turismo rural, mas nem sempre o apelo é suficientemente forte para emprendermos a construção de uma 2ª. casa, mudarmos de vida ou outro tipo de acção do género.

Recordo que há uns anos largos, quando conheci a Manel, me deixei encantar pelo Alentejo e, no início da nossa vida a dois, pensamos mesmo em mudar com “armas e bagagens” para Estremoz.

Lembro-me até que, nessa altura, as diferenças culturais entre os dois mundos eram ainda abissais: A família da Manel tinha uma propriedade perto de Estremoz com uma casa muito boa e, nesse tempo, estavam por lá ainda os rendeiros – um casal bastante simpático – A Maria e o Mariano. E lembro-me que quando fui apresentado a estas duas personagens, o Mariano, que para além de simpático, também é surdo, me perguntou:

- Atão você agora também é dono disto?!

Ao que eu respondi aos gritos:

- Parece que sim!!

- E o que é que você faz?

Perguntou a Maria não contendo a sua grande e sorrateira curiosidade.

- Sou arquitecto!...

A coitada da Maria dizia que sim com a cabeça mas, pelo seu sorriso e olhar ignorante, compreendi que o melhor seria explicar-me:

- Faço projectos de casas!...

A expressão da pobre mulher não mudou. O Mariano, esse sorria com ar de quem estava a ouvir e a compreender a troca de palavras... não tinha tido “tempo” de comprar a pilha para o aparelho auditivo....

- Faço os desenhos das casas!... para depois serem construídas!

Pareceu-me, pelo lento aceno da cabeça, que finalmente tinha sido compreendido, se bem que tenha persistido em mim a dúvida. A não muito robusta mulher do campo deve ter ficado a pensar como é que seria possível sobreviver assim... ou qual seria a utilidade de tal ofício.

E, de facto, quando então olhava para a nossa arquitectura tradicional, aquela que de forma diferente, em cada lugar, parece que “brotou” da terra, pensava muitas vezes se não seria melhor reservarmos o nosso ofício para outro tipo de complexidades e ao cuidar das nossas cidades, tão desprezadas.

Hoje, as coisas já não são bem assim – e isso não tem nada a ver com nostalgias, mas tão-somente com a constatação dos factos.

No caso de Nelas, a construção preexistente apontava vagamente para modelos de regiões mais nortenhas da Europa (Irrita-me profundamente não saber onde guardei as fotografias que fiz nessa altura - é a minha mania das arrumações, às vezes dá nisto).

Juntamente com este objecto, veio também o construtor, igualmente regressado “da França”, onde trabalhou na construção civil e amealhou “uns tostões” que lhe permitiram voltar e empreender um negócio próprio – O Sr. José Costa, óptima pessoa, muito embora tenha nascido na região e por força de um passado “lá fora”, não tinha já qualquer registo dos modelos arquitectónicos tradicionais da região, nem mesmo vagamente. Os seus modelos eram outros, muito mais relacionados com os sistemas construtivos que decorrem de uma indústria multinacional de pré-fabricação leve, que desvirtua completamente a construção nas aldeias e nas vilas europeias e liquida as pequenas indústrias mais ou menos artesanais, locais, que, mesmo as mais equipadas ou “modernizadas”, nem sempre têm arcaboço para aguentar esta concorrência desequilibrada.

A publicidade, os meios de comunicação e o interesse pelo lucro rápido, juntamente com uma crescente dose de ignorância cívica/ambiental, fazem o resto.

As sancas de poliuretano, as janelas de alumínio, os tectos de “madeira” que afinal são plástico, as “tijoleiras” que afinal são mosaicos cerâmicos industriais, etc... Claro que também é preciso que as indústrias locais reajam, por si, mas será que não pode haver um desígnio mais alto que ajude, ou incentive, ou sensibilize? Parece que isso não interessa ... isso não contribui para o progresso.

Já Eça de Queiroz dizia que um dos males das nossa vilas e aldeias é uma certa “noção provinciana do progresso” – e continua, sejam os modelos mais “fashion” ou “naif”.

Aqui em Nelas, portanto, estive quase a chamar a Maria e o Mariano para virem dar uma ajuda. Passe a ironia, é extraordinário como em cerca de 20 anos as coisas mudam. Foi necessário explicar tudo, ensinar tudo, convencer das vantagens e dos porquês de um material sobre o outro e, no final, parece que a satisfação foi geral.

Nem tudo foi possível consertar mas procurou-se recompor e refazer de forma a adaptar a construção que existia aos modelos mais tradicionais da região, escolhendo os materiais, redesenhando uma varanda ou corrigindo proporções de vãos.

Hoje, já parece mais que a casa sempre ali esteve. Entretanto, o meu Pai comprou mais um pedaço de vinha e faz um vinho delicioso – Quinta da Pedra Taboleira, branco e tinto. O nome vem de um grande afloramento de granito existente no local que, pela sua forma excepcionalmente plana, faz lembrar um tabuleiro – há até quem diga que foi outrora altar de sacrifícios.... não sabemos.

Sabemos, isso sim, que o vinho é delicioso, esperemos que assim continue, tal como os produtos da horta que aqui o Sr. Edmundo Marques orienta e mantém com grande carinho e dedicação.

É com especial satisfação que hoje vejo o meu Pai viver esta casa e pensar que pude, mesmo de forma modesta ou muito incompleta, contribuir um pouco para o seu bem estar e felicidade.

A Maria e o Mariano também já não vivem na casa que era da família da Manel, também se mudaram para uma “casinha mais jeitosa”.

A geração actual – os netos – sonha com a grande cidade, provavelmente com toda a razão. Até porque os nossos governantes, esses, continuam a ignorar o interior e a desprezar e a não apoiar o que de bom por lá se vai fazendo. Até quando? E quando já não houver mais “Quintas da Taboleira” para beber, nem paisagens de vinha bem tratada, a perder de vista, para desfrutar? Até quando?

José Baganha